

O COMBATE

11 DE SETEMBRO
DE 1902

Recife Journal do Recife

CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE, 11 DE SETEMBRO DE 1902

O COMBATE

Organ Literario, Noticioso, Critico e Humoristico

ANNO I |

ESCRITORIO DA REDACÇÃO—RUA GENERAL OSORIO N. 45

| NUMERO 2

EXPEDIENTE

PUBLICA-SE NAS 5^{as}. FEIRAS

—«»—

COLLABORAÇÃO FRANCA

—«»—

Toda correspondencia deve ser dirigida para o escriptorio da redacção.

—«»—

ASSIGNATURAS

MEZ..... \$500
TRIMESTRE..... 1\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

O COMBATE

O Combate (II)

A fundação de um orgão de publicidade, mas um orgão de publicidade digno deste nome, que aspira elevar elevando-se, em qualquer que seja a occasião, è um facto que affirma o prenhecimento de um fim a que não podemos fugir e a que fatalmente obedecemos—a influencia do desdobramento dos nossos desejos e sentimentos subindo na escala infinita de idéas e aspirações mais dignas, mas justas, mais proprias àquellas do tempo em que vivemos.

Caminhando sempre sobre o influxo irresistivel do desenvolvimento de todas as cousas o pensamento humano desenrolou-se n'uma corrida asombrosa. e, grande machina incessante, desencadeiou essa molle desmedida de cogitações, de elaborações inexprimiveis, essa multidão compacta de todas as actividades, apprehendimentos e trium-

phos que é essa insanante lucta de todòs, trespordante e immensa.

Nessa extraordinaria expansão de tudo, a imprensa é uma das mais avassaladoras. Alargou-se de tal modo e de tal modo encheu o mundo, e desenvolveu-se, que despertam admiração e pasmo os seus enormes, vastissimos progressos, a sua poderosa influencia sobre as camadas sociaes.

Essa extraordinaria expansão, porém, havia de trazer o seu demerito. Todo o excesso obscurece as qualidades brillhantes dos fins que se aneeia realisar.

Imprensa de toda a casta, orgãos de toda a cor, de todos os feitios, os campeões da publicidade iguallados em direitos e liberdades, em deveres e effusões, debandou-se n'uma divergencia de intuitos, que é hoje a vergonha do genio perseguido e amargurado, mas pertinaz, da orgulhosa Moguncia.

Mentindo ao seu nobre fim a imprensa deixou de ser o defensor, o pugnador dos direitos de todos, do elevamento commum, dos interesses do povo, para ser uma cousa sem valor, uma industria lastimável, calando a verdade, desestimando a justiça, fechando os olhos as cousas que se prendem ao bem, a moral, umas, negociando, vendendo vilmente as suas opiniões, as suas idéas, a sua vontade, outras caladas e indifferentes, n'um silencio criminoso de cúmplice, deante de mil cousas, de factos e erros que deviam esvurmar.

Assim corrompida e degradada, reduziu-se a imprensa a um objec-

to sem importancia de que todos riem, escarnecem e chacoteam, sem respeito; fez-se uma tavalagem a mercadejar todas as convicções e pensamentos, á por em transacção o seu criterio, os seus juizos e a sua arrogancia.

Muitas das que apparecem tracando um campo de acção diverso, cahem nessa mesma valla, expiram esse mesmo ar infecto, onde o caracter apodrece, o sentimento de dignidade é enterrado, nauseante e decomposto, amontoando o esterco da immoralidade, do desbrío, da consciencia a escorrer sanie.

Aquellas que, por repugnando essa atmosphera deleteria, surgem, violentando e queimando essa lepra; agindo, serena e impassivel, limpa do seu contagio corruptor, desempenham uma tarefa nobilissima, superior e digna.

Dessas surgem poucas, mas surgem; são tão imprescindiveis como o ar que respiramos; e ainda mais imprescindiveis nos tempos em que tudo que diz respeito ao bem da collectividade lavra n'um accumulo inqualificavel de todas as corroições.

Neste caso está o presente orgão. Evolvendo n'um momento em que as instituições que nos regem, (as instituições não, os homens que nos regem, os que vivem dellas) se abastardam cada vez mais n'um alastramento incrivel de immoralidades, cynismos, falcatrúas, roubos, incompetencias, decomposições de character, interesse exclusivo de cada um, de desdens á lei, satisfaz uma necessidade que se

impõe, esgrimindo contra todos os erros e transviamentos que envenecem e arruinam a nossa organização política e social.

Neste proposito estará sempre attento, prompto e sollicito em impugnar o que não estiver dentro do circulo moral e da lei, dizendo as verdades que é preciso dizer, condemnando os máus actos, os privilegios, os direitos de excepção, as desigualdades que se está vendo em tudo, o esquecimento, enfim, dos deveres, da justiça a se cumprir.

(1) Este artigo devia ter sahido no 1º numero do nosso jornal, mas por motivo que não vem ao caso, deixamos para o 2º numero.

"O COMBATE"

O editorial que com o titulo acima deparou nos nosso e llega «O Commercio» em sua edição de 5 do corrente, fez juz a algumas palavras nossas que lhe fossem retribuir a cortezia com que honrou-nos e que lhe justificassem algumas proposições do nosso artigo-programma, proposições cuja verdade nellas asseverada, causou desasosiego ao orgão das classes laboriosas.

Somos gratos ao velho collega pelas referencias lisonjeiras que nos fez no primeiro e segundo periodos de seu artigo e não olvidamos o bom desejo que nos manifestou na ultima proposição, que servio de termo a suas referencias a nosso apparecimento na vida jornalística.

Quanto ao mais, contido no alludido artigo, eis a nossa resposta:

O collega mostrou-se magoado porque dissemos em nossa primeira edição que a Parahyba não possuiu e nem possui «o que verdadeiramente se pode chamar uma imprensa», pela simples circumstancia de «Até hoje, ter sido o jornal entre nós uma serie de tentamens, cujos resultados marchando a par da nullidade, não conseguiram um logar de honra conquistado pelo talento, pelo desinteresse, pela coragem e pelo civismo»

Dissemos uma verdade e apesar da immodestia do collega, relatando os seus serviços e triumphos, exceptuando-se, não esperando um elogio menos suspeito, oriundo de

outra procedencia, a nossa affirmativa fica pairando acima de qualquer contestação e, para demonstrar a não precisamos recorrer ao effeito das theorias referentes a minoria nem manusear tratados de Logica.

Até hoje não tivemos um jornal que não se curvasse à conveniencias; e o proprio collega com todo o seu «vigor de mocidade» com toda sua «coragem» com todo seu «civismo» com todo seu «desinteresse», tem muitas vezes vacillado em sua norma de conducta, e, muitas vezes, tem faltado com a firmeza em suas opiniões.

Reconhecemos a aspereza da affirmativa; mas se dissemos a todos a isso impellidos.

Muito folgamos que o nosso velho e respeitavel collega não precise para preencher suas funcções da inspiração de outro collega. Nós não as podemos oferecer-lhe; mas pode o illustre orgão gozar de preciosa tranquillidade que não lhe vamos pedir.

Como dissemos em nosso artigo programma, somos muito novos e «surgimos tambem para tentar alguma coisa», embaldados na esperança de que seriamos mais felizes do que os no s is predecessores, mas isso não é sempre o que manifesta qualquer jornal que surge, e não imaginavamos que nos era vedado ter igual desejo...

Enfim, já vai longe o cavaco e vamos terminal o pedida desculpas ao illustre orgão e iso as nossas palavrasse tenham afastado da norma cavalheiresca em que tratounos; e concluímos affirmando a «O Commercio» que as palavras do nosso artigo-programma não foram escriptas para deprimir e sim para reflectir um cunho de verdade, cujo desenvolvimento é o assumpto de que se occupa hoje o artigo que vai inserto em primeiro logar.

A INSTRUCCÃO

Sem querermos offender a susceptibilidade de quem quer que seja, nem tão pouco fazermos referencias allusivas a esta, ou aquella pessoa, começamos hoje uma serie de artigos sobre a instrução, uma das bases primordias do nosso programma.

Sabemos, e disto estamos plenamente convictos, que temo de encontrar adversarios, difficuldaes enormes, para cumprirmos restric-

tamente a nossa *de officio*, mas isso em vez de enfraquecer-nos, melhor nos impulsiona e nos alenta porque sem espinhos não se colherão flores.

O assumpto que ora visamos é digno de um criterioso e bem aprimorado estudo, e cremos, que seremos obrigados, embora contra a nossa vontade, a fazer algumas ponderações, a refutar alguns topicos, a elle referentes, que talvez não sejam em collectividade bem acolhidos.

É certo que para fallarmos da instrução, que vive amoldada, asphyxiada mesmo, teremos, sem dúvida, de trilhar n'uma arena de espinhos; mas esses espinhos serão os nossos louros de victoria, e esses louros a gloria do nosso «Combate».

Quando os esforços da mocidade esvaem-se n'uma coisa digna d'ella, quando mesmo o seu sangue se derrama em defesa de seus direitos, a mocidade cumpre um dever, o mais nobre, o mais puro, o mais augusto dos deveres,—o dever de sua defesa—.

É por isso que arrojadas nos arremessamos nessa atmosphera degenerada, obstruida pelo servilismo e pela mentira, como propagadores do bem e da moral.

Era preciso e necessario, que a mocidade fallasse, que ella viesse á arena do jornalismo, porque—quando a mocidade falla os velhos se inspiram e se revigoram—.

Entremos portanto no assumpto.

A instrução, que é a base fundamental do progresso humano, o mais nobre ideal, a mais alevantada inspiração, o melhor titulo de um homem, é, entre nós, infelizmente, uma coisa que passa como as outras, indigna de um sacrificio, incapaz de um olhar de compaixão,

É a mocidade que não falle, que se cale, vendo-se conspurcada, desprezada a sua mais bella idealisação; que não se apresente para a lucta e que não pegue em armas para defender os seus direitos, sacrificando em favor de outros meios dignos.

Embora tivéssemos de andar n'um oceano de cardos, de percorrer interminas florestas ainda virgens, onde o braço humano nunca ousou passar, a nossa coragem não se enfraqueceria, e ante as peripecias da jornada ella reviveria, até chegarmos á realização do nosso tentamen.

Mas, se não é preciso percorrer florestas, nem tão pouco andar por oceanos de cardos, e sim lutar com a adversidade de meia duzia de mal intencionados, que não sabem e nem são capazes de avaliar o que seja a instrução, certo, que hemos de lutar, e de lutar muito, até ovirmos retumbar o hymno da nossa Victoria.

Mario dos Santos

GOVERNO DESHONESTO

Ainda é assumpto de discussões e conversações, o assalto de que foi victima a Fazenda Nacional em consentimento de um homem, que o chafurdo de uma politicagem, negra e tacaña, em mal tempo contiou-lhe os destinos da Nação, e que, deixando-se dominar pela vontade de seus secretarios, tudo tem permitido desde o assassinato até o roubo na mais alta escala.

A ladroeira das pedras preciosas, a maior até hoje conhecida em nossa historia politica, é, sem duvida alguma, o epilogo da historia deste governo deshonesto, cujas infamias têm attingido a um ponto sem qualificativo.

Esse escandalo, que produziu a maior sensação no espirito publico, serviu apenas para melhor se conhecer a quadrilha, que fazendo da Republica a sua profissão, e acobertada com a mão protectora do chefe da Nação, locupletou-se da fortuna Nacional, constituida hoje em patrimonio della.

Ainda uma vez o sr. Campos Salles acaba de dar-nos mais uma prova de sua incapacidade moral e politica, permitindo e compartilhando em tremenda ronbalheira, e sem que possa punir os verdadeiros culpados.

O nosso intuito não é envolvermos na rabujenta politicagem da actualidade, é o amor a patria que nos obriga a collocarmo nos hoje na vanguarda da Republica; protestando em nome da memoria daquelles que por ella sacrificaram-se, contra todas essas miserabilidades.

Mentiríamos ao nosso programma se assim não procedéssemos.

É possível que se tolere ainda um governo, que para satisfazer os interesses sequiosos dos bigorri-lhas que o cercam, tudo tem sacrificado e ultrajado, desde o povo á honra da Nação.

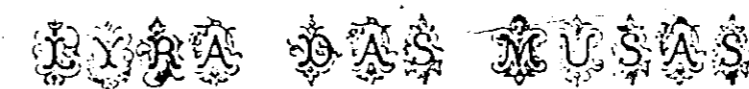
A nossa penna jamais cançarse-ha de estigmatizar as miserias de um governo tão deshonesto como o nosso.

F. J.

CARTA-BILHETE

Ao digno sr. Superintendente de ... nesta cidade.

Meu caro sr. queira desculpar a direcção que atrevidamente dou ao recado que vai ser traçado pelo abaixo assignado, um humilde filho desta terra, um ousado rapa-



MAL ANTIGO

Ninguém no mundo saberá de certo Da alheia dor ou da ventura alheia, Pois um sorri quando a desgraça é feia, Outro soluça da ventura perto.

Ninguém nos mostra o coração aberto; A humana e fragil creatura é cheia De fingimentos, como se receia Que se descubra todo mal coberto.

Mente-se a rir finge-se o desgosto; Ainda não se viu quem descobrisse Nada somente pela luz do rosto.

Sim, neste mundo onde a miseria mora Ha muito venturoso que não ri-se E muito desgraçado que não chora

Moura JUNIOR.

zello que pensa, embora estultamente, que ainda se poderá alguém arriscar a melhorar as cousas da sua terra, hoje e amanhã, quasi sem cessar, clamando, clamando como um desesperado. Desde muito os que vão a Estação Central, desta cidade, alli notam uma falta sensível na compostura daquella pequena sala de espera, na maioria das vezes encontrada pouco tratada, sem limpeza, horrivelmente mobiliada por uma vergonhosa mobilia já n'um estado de necessaria reforma. Limitado é o numero de cadeiras, poucas as que estão em condições de prestar serviço.

Chamo pois a attenção do activo sr. superintendente da «Conde d'Eu».

A reforma que a sala da estação precisa não provoca despezas enormes. A superintendencia pode fazel-a.

E, muito antecipadamente agradecido, aqui me subscrevo.

Do Amigo Rolim.

Noias Diversas

Devido á optima acceitação, que teve o nosso jornal, e mesmo para satisfazer o grande pedido de assignaturas que temos tido, resolvemos augmentar a sua tiragem.

Deram-nos a honra de suas visitas os distinctos cavalheiros: Matheus de Oliveira, Virgínio Vellozo, Eduardo Silva, João Franca, Plutarcio Jaguaribe, Virgilio Cezar, Virgilio Barbosa, Flavianno Rabello, João Alfredo, Abdon Medeiros, Alvaro Nobrega, Sindulpho Pequeno, Irineu Pinto e Carlos Bizerra.

Agradecidos.

Foi reeleito Presidente do Club «Benjamin Constant» o distincto moço Orris Soares. Comprimntam-l-o.

Em commemoração á grandiosa data 7 de Setembro, houve sessão litteraria nos clubs: «Benjamin Constant», ao meio dia; «Tiradentes», as 4 horas da tarde; «Mocidade Catholica», as 6 horas da tarde e «Sete de Setembro», (sessão solemne) as 7 horas da noite. Pela manhã d'este dia a banda musical do «Corpo de Seguranca» andou em passeata pelas ruas d'esta cidade, e ao meio dia a Escola de Aprendizes Marinheiros fez exercicio no pateo do Carmo.

«CLUB 7 DE SETEMBRO»

Como estava anunciado, effectuou-se no ultimo domingo, com esplendido brillantismo, a sessão sociolátrica com que este esperancoso club festejou a inmemorável data da nossa independência.

Pelas 7 horas da noite, pouco mais ou menos, estando primorosamente ornamentada a sede deste Gremio, e presente grande numero de pessoas, inclusive algumas *signoritas*, o illustre Presidente, Eugenio Ribas Neiva, abriu a sessão dando a palavra ao orador official, o nosso collega Alvaro de Carvalho.

Oraram tambem, os snrs. Dr. Pereira Pacheco, Francisco Falcão, Bertulino Mauricio, pelo «Club Benjamin Constant», Nicla de Bem, pela «Sociedade Italiana de Beneficenza», Sinezio Cruz, pelo «Centro Artistico» Joaquim Torres, pela «Sociedade Artistica, Mechanicos e Liberaes» o nosso collega Alfredo Polari, por esta folha, Leonardo Smith, o nosso collega Matheus Ribeiro e Vieira Coelho.

A banda musical do «Batalhão de Segurança», tocou nos intervallos.

Agradecemos a todos os snrs. que nos enviaram, comprimentamos os distintos moços do «Club 7 de Setembro» pelo realce de sua festa.

São nossos agentes:

PERNAMBUCO—José de Borba.
TINBAUBA—José Lima
PILAR—Anizio Silva.
GUARABIRA—Francisco de Assis Bizerra.
MAMANGUAPE—José Arcenio Navarro.
CAMPINA—José Cavalcante.
CABEDELLO—José Guedes Cavalcante.
AREIA—Manoel Pires
MULUNGU—Firmino de Figueiredo.
ALAGOA GRANDE—Felinto Vello.
PATOS—Manoel Figueredo da Costa.
SANTA RITA—Antonio Mendes.

FELIZMENTE!

Tivemos a grata e lisõjeira noticia, de ter deixado a pasta da fazenda, o honrado e criterioso, snr Joaquim Murtinho.

Felizmente a patria ficou livre de mais um abutre que a dilacerava.

Porém o que mais nos admira, é que «A Provincia» baixe de sua dignidade para tece elogios, e chamar *benemerito da Patria*, a um homem que botou nas cedulas brasileiras, ultimamente emittidas o retrato de sua amasia.

Quanta falta de civismo!

CARTINHAS

A um tal, que na Bibliotheca Publica e em outros lugares, teve a estranha petulancia de criticar a redacção de uma noticia do nosso numero passado.

Não sabe, talvez, (é bem provavel!) V. Ex. que n seja o signatario desta cartinha.

Não sabe, não é assim?

Pois bem, é *Xenophonte*, um seu criado, que foi encarregado, (rimou sem necessidade!) pela redacção d'«O Combate», para dar-lhe algumas explicações sobre *analyse portugueza*, que em tão bom tempo aprendeu.

Verdadeiramente, deve V. Ex. comprehender o quanto de espinhoso e pesado fem essa missão.

E dito quem sou, comecemos a aula, que a hora já vai adiantada.

Ora, antes que tudo analysemos esta oração.

Que galernos ventos o conduzam ao porto do seu destino.

Com certeza, não sabe qual é o sujeito, e muito menos o verbo, e quaes os complementos!

Ouçã lá, mais ouçã com attenção e muitissima attenção:

Sujeito:—Galernos ventos.

Verbo:—conduzam.

Complemento objectivo: O (pronome.)

E o mais, que se segue, é muito mais facil.

Finda a lição, queira ouvir V. Ex. um *conselinho* de professor a discipulo:

—Aprenda a ter por norma, a maxima latina, que por norma tenho eu, teve Socrates e muita gente tem:

Nosse te spsum.

Terminando a cartinha, faço votos para que galernos ventos a conduzam ao porto do seu destino.

E, offerecendo-lhe os meus insignificantes serviços, subscrevo-me,

De V. Ex. humilde professor.

XENOPHONTE.

NA TROÇA

Ao ter uns moços se declarado contra «O Combate», antes do seu apparecimento.

Por ter um grupo a «O Combate»,
Propalado *oposição*,
Contava, o Zéca, com calma
A todos da Redacção:

—Que, em breve, havia um combate,
Suberam—Ninguem se mate,
Os moços então gritaram:
—Combate contra «O Combate»

Pois que elles não sabiam
Que «O Combate» era um jornal,
Tinha razão!... pugnavam,...
Pela paz *Universal*!!

Agora, affirmo e té juro,
Mudaram de opinião,
Pois antes... de certo modo...
Bem tinham *sua razão*.

O Zéca

Na Rua

O Zéca, não se farta de falar com os pobres? Falla-se... é que eu não lhe via, aperte cá estes ossos.

Com muito gosto, com muito gosto.

Então foi ao Sete.

—Que sete?

—Ao «Club 7 de Setembro»

—Sim fui, pois havia de perder, não sou tambem patriota?

—E o que diz daquelles discursos?

Que a nossa rapaziada é bem entusiasmada.

E qual foi o melhor d'elles?

Homem... eu entendo pouco dessas cousas; acho que são melhores aquelles que têm mais palmas.

—Não, quem fallou melhor foi um rapaz de cabelheira, um que estava de azul e que se chama...

Ah! sim, um que fallou no *riso botânico das flores*!!

Sim, um que fallou bem umas trinta tiras.

Bravo, apoiado, um que disse: *cyclopico, pyramidal, cathedralesco, latidão,....e...e.. cabeça de...de...*

—De *mulher bonita*—!!

Bravo, bravo, viva o orador.

MACACO